

## Rádio ESMAE – Uma rádio? Uma rádio artística? Uma rádio livre?

**Pedro Leitão<sup>1</sup>**

Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Instituto Politécnico do Porto

### RESUMO

O presente trabalho pretende descrever o projeto da Rádio ESMAE, percebendo em que medida a experimentação artística faz desta uma rádio artística, perspetivando possíveis futuros para o surgimento de outras rádios com este cariz. Pretende ainda descrever quais as ferramentas artísticas, técnicas e/ou pedagógicas que a Rádio pode potencializar numa escola artística.

Para a execução deste artigo, aprofundou-se o estudo de textos de autores que abordaram a ligação entre a rádio e a arte. Foram realizadas sete entrevistas semiestruturadas, presencialmente e com gravação áudio, a estudantes que são voluntários e artistas da Rádio ESMAE, doravante designados como estudantes/artistas. O critério de seleção da amostra foi o de os participantes serem responsáveis por um programa desta rádio e pela sua disponibilidade, formando-se assim uma amostra por conveniência.

Os resultados da análise das entrevistas sugerem que a Rádio ESMAE reflete o perfil artístico daqueles que nela participam, sem constrangimentos de programação artística e de rádio, impostos por necessidades comerciais. Revelou-se assim um local de grande experimentação, sobretudo ao nível de ferramentas técnicas sonoras e de exploração da voz. Os resultados apontam ainda para o desejo destes estudantes/artistas encontrarem na emissão FM a futura possibilidade de interação com os ouvintes em direto.

**Palavras-chave:** Rádio; Radioarte; Rádio na escola; Rádio ESMAE; Interferências artísticas.

### ABSTRACT

This paper aims to describe the Radio ESMAE project, understanding to what extent artistic experimentation makes this an artistic radio, envisioning possible futures for the emergence of other radios with this nature. It also aims to describe which artistic, technical and/or pedagogical tools the radio can enhance in an artistic school.

For the execution of this paper, the study of texts by authors who have addressed the link between radio and art was deepened. Seven semi-structured interviews were carried out, in person and with audio recording, to students who are volunteers and artists at Radio ESMAE, hereafter referred to as students/artists. The sample selection criterion was that participants were responsible for a program of this radio and for their availability, thus forming a convenience sample.

The results of the interviews analysis suggest that Radio ESMAE reflects the artistic profile of those who participate in it, without constraints of artistic and radio programming, imposed by commercial needs. Thus, it revealed itself as a place of great experimentation, especially at the level of technical sound tools and voice exploration. The results also point to the desire of these students/artists to find in FM broadcasting the future possibility of interaction with the listeners.

**Keywords:** Radio; Radio art; Radio at school; Radio ESMAE; Artistic interferences.

### 1. Introdução

Este artigo pretende emitir a partir do papel e dar a conhecer o projeto de 11 estudantes/artistas da Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo – ESMAE, que se uniram em torno de um microfone para iniciar a Rádio ESMAE.

---

<sup>1</sup>Endereço de contacto: [pedroleitao@esmae.ipp.pt](mailto:pedroleitao@esmae.ipp.pt)

A Rádio ESMAE é uma rádio operada por jovens estudantes/artistas de Música e Teatro da Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo (ESMAE), que encontraram nas ferramentas digitais do podcast, a possibilidade de terem um contacto com o trabalho de “rádio artística”.

Este grupo de 11 estudantes/artistas juntou-se pela vontade de experimentar os potenciais da comunicação, artísticos e técnicos, que podem complementar a sua formação numa escola como a ESMAE: uma escola artística de Dança, Música e Teatro. Estes estudantes/artistas sentiram a necessidade de explorar ao vivo ou indeferido um outro meio de performance, como a rádio.

Embora a obsolescência dos meios rádio potencializem o seu silenciamento, a verdade é que, como podemos observar neste projeto, os meios, tal como as borboletas, têm várias fases de vida e de exploração. Se na fase de voo a borboleta é mais vistosa, então a rádio, na sua fase de voo, foi uma ferramenta de massificação cultural. Hoje, podemos estar a viver a fase em que as pessoas procuram novas formas de comunicação, como as redes sociais e o exponencial crescimento do podcast, mas a rádio ainda se encontra em exploração. São estes “laboratórios” digitais que hoje permitem experienciar novas formas de se fazer rádio, num tempo em que o éter português vive dominado pelo ruído das grandes empresas e das rádios públicas, com receio das interferências das rádios de proximidade, ou comunitárias, ou artísticas. No espectro atual de frequências, não se escutam as diferenças nem se esboçam tentativas de experiências artísticas, pelo contrário, escuta-se uma imagem de um mundo sonoro, dentro de fórmulas encontradas de uma música em repetição, ou da passagem de tempo pelo marcar dos sinais sonoros horários e das notícias, também elas repetidas, na expectativa de novas. Seria importante abrir a rádio a outras vozes, outras notícias, outras músicas, outras teatralidades, outros autores e atores?

O que é uma rádio artística? Ou o que pode ser uma rádio artística? Quais as suas ferramentas artísticas, técnicas e/ou a sua própria natureza artística? Por outro lado, o meio rádio pode também contaminar o artista com as suas características como o Agora, o Sonoro, o Aqui (em algumas circunstâncias), a Escuta, ou o Ouvinte Performer. Poderá esta rádio existir e exigir o seu espaço público de um pouco de ar(te) sonoro(a)? De forma a responder aos objetivos deste artigo: conhecer o projeto da Rádio ESMAE, perceber se esta se enquadra enquanto rádio artística, assim como, pesquisar quais as ferramentas artísticas, técnicas e/ou pedagógicas da Rádio ESMAE, foram realizadas sete entrevistas, em junho de 2021. Para a execução deste artigo realizou-se um guião de entrevista semiestruturado, baseado no estudo de Smith (1995), que foi aplicado a uma amostra de conveniência constituída por sete estudantes/artistas, autores de programas de podcast na Rádio ESMAE. Para a elaboração do guião da entrevista semiestruturado realizaram-se cinco perguntas abertas:

Pergunta 1: Razão pela qual te juntaste ao projeto Rádio ESMAE?

Pergunta 2: Qual a tua experiência com a rádio antes de entrar na equipa da Rádio ESMAE?

Pergunta 3: Sentiste alguma mudança na tua relação com a escola?

Pergunta 4: Na tua opinião, quais as ferramentas pedagógicas que a rádio trouxe para a tua formação?

Pergunta 5: Consideras a Rádio ESMAE uma rádio artística? Explica a tua resposta.

As entrevistas foram integralmente transcritas e sujeitas a um processo de análise qualitativo, com o objetivo de entender as respostas, interpretá-las e relacioná-las com a conteúdo deste artigo (Smith, 1995).

Neste trabalho, transcrevem-se partes de depoimentos, com os nomes reais dos entrevistados, com o seu consentimento.

## **2. Rádio ESMAE: um ano de existência**

A Rádio juntou dois estudantes/artistas do curso de Música e nove estudantes/artistas e um ex-estudante/artista do curso de Teatro com idades compreendidas entre os 18 e os 39 anos, grupo no qual podemos considerar diferentes gerações: os que viveram o final dos anos 80 e 90, do século XX, com memórias de uma rádio analógica, solidificada no FM e nas suas barreiras de acesso, e, do outro lado, os estudantes/artistas mais recentes que encontram no formato podcast uma forma de comunicação áudio, mais interativa, já que apenas com um dispositivo como o telemóvel, conseguem escutar ou produzir o seu próprio podcast.

Desde a sua formação, em março de 2020, a Rádio ESMAE tem tentado uma difusão através do FM, mas não existe uma possibilidade de legalização de rádios comunitárias em Portugal (Ribeiro, 2014). É quase impossível uma rádio de pequenas dimensões, com dificuldades financeiras para contratação de meios humanos qualificados, assim como para a compra de material técnico para emissão de FM, e sem pretensões comerciais, conseguir aceder à emissão FM, de acordo com o Decreto de Lei n.º 54/2010, de 24 de dezembro. Assim, após estes entraves burocráticos, financeiros e técnicos, a Rádio ESMAE começou por desenvolver os seus próprios podcasts, demonstrando nas suas escolhas formas diferentes de uma rádio comum, que preenchem o espectro do FM. Pode afirmar-se que a Rádio ESMAE surge através de um grupo de artistas em formação, que pretende emitir para dar a conhecer diferentes projetos e de alguma forma experimentar a rádio.

A Rádio ESMAE ainda não se encontra a emitir em direto através de link online, ou no FM, devido a dificuldades financeiras de aquisição de material técnico, de encontrar um espaço na própria escola para se instalar, ou ainda, como referido anteriormente, devido às dificuldades próprias de burocracia de legalização nacional das rádios FM. Por estas razões, encontra-se, neste momento, apenas a utilizar a plataforma de podcast.

Será o FM importante para a Rádio ESMAE? Nas palavras de um dos fundadores da Rádio ESMAE, Bernardo Santo Tirso (Entrevista 1), “existe um paralelismo entre a emissão FM em direto e a performatividade do teatro”, do qual é estudante, “onde estamos perante os espectadores ou ouvintes e onde tudo acontece no momento”.

A isto, Benjamim (1992) caracterizou de “Aura” o que Adorno (2015), contrapondo, definiu como “autenticidade”. Nas palavras de Bernardo Santo Tirso (Entrevista 1), podemos ver referida a autenticidade na performatividade do teatro e do direto no FM. Adorno (2009) sintetiza desta maneira o que entende por autenticidade, um Aqui e Agora, que fazem parte do espetáculo e de alguma maneira dos diretos na rádio:

Até à era da reprodução mecânica, que estuda particularmente no campo dos filmes, diz-se que um dos elementos essenciais da obra de arte consistia no seu "hic et nunc" - o seu Aqui e Agora, a sua existência única no local onde se encontra. A "autenticidade" da obra de arte baseia-se neste personagem do Aqui e Agora e os elementos que fazem com que a sua autenticidade recuse estritamente qualquer tipo de reprodução, e não apenas a mecânica. (Adorno, 2009)

Pode considerar-se que, na rádio, o Aqui está presente, isto poderá acontecer, por exemplo, em experiências em que quem emite está no mesmo local que quem ouve.

Para Rita Tavares (Entrevista 4) o podcast, meio até agora usado pela Rádio ESMAE, não é suficiente, pois “não existe a possibilidade de interação com o público/ouvintes”. O teatro é um ponto de contacto com o público, mesmo que muitas vezes este público esteja escondido no escuro da plateia, o seu escuro e os seus silêncios são fundamentais para os atores sentirem a devolução de energias que emanam nas suas interpretações. Num outro sentido, é importante que o espectador, tal como o ouvinte no teatro, se emancipe e não se permita ser um mero recetor de uma realidade ‘espetacular’. É necessário criar para e com os ouvintes, bem como, pensar e imaginar conjuntamente novos começos.

A Rádio ESMAE é também um ponto de encontro entre os seus voluntários e os seus ouvintes, num momento difícil para o mundo estudantil, a pandemia de COVID-19. Como aborda a estudante/artista da Rádio ESMAE Rita Tavares (Entrevista 4), a rádio foi criada meses antes do confinamento, mas, no presente, tem sido um local onde os estudantes/artistas se encontram e trabalham num projeto diferente: uma rádio que é feita com artistas e das preocupações desses artistas.

O estudante/artista Sebastião Maia (Entrevista 6) indica ainda que a “rádio surgiu num momento difícil para a ESMAE durante o primeiro confinamento, em 2020, alimentando uma questão mais adormecida de comunicar de outras formas, como o podcast, as entrevistas, conversas ou debates”.

### 3. Uma rádio artística?

No entender de Mariano Herreros (2007), a rádio arte ou a Arte Acústica na rádio, trata-se de ilhas separadas da rádio generalista da atualidade, mas também de uma chama viva e um impulso para a rádio se regenerar e não perder o horizonte da criatividade sonora.

O artista de rádio japonês Kogawa (2008) considera radioart as experiências artísticas que usem as ondas de rádio. A Rádio ESMAE tenta, como outras rádios, encontrar também a possibilidade de poder emitir através das ondas hertzianas e no FM.

Barber (2017) também considera que a radioart é uma forma de explorar o potencial artístico do meio rádio e depende das suas tecnologias, no que concerne à criação e ao seu usufruto. No entanto, também afirma que a radioart procura encontrar estratégias narrativas acústicas e criar relações com o meio rádio. Neste sentido, também Hunter (2011), caracteriza a radioart como uma “arte de transmissão”, abrindo a possibilidade de envolvimento de outros meios de comunicação.

Desta forma, a Rádio ESMAE não pode ser considerada um projeto de radioart na definição do radioartista Kogawa (2008), mas entendemos que a podemos enquadrar na definição de rádio artística, já que é uma rádio composta por artistas e onde parte dos seus ouvintes são estudantes ou trabalhadores no ramo das artes.

Em resposta à pergunta, “Consideras a Rádio ESMAE uma rádio Artística?”, os entrevistados entendem que sim, por ser colocada no ‘ar’ e idealizada por estudantes/artistas de teatro e música, tem uma contaminação artística na sua essência, naquilo que pode partir para o desenvolvimento de uma rádio artística. Nas palavras do estudante/artista João Lourenço (Entrevista 3): “Como são jovens estudantes do ensino artístico, já têm outras preocupações, ou outra forma como observam o mundo.” Continua respondendo que a rádio é artística porque: “Não existem limitações de liberdade e por os membros da rádio serem todos artistas.”

Inês Sincero (Entrevista 2) corrobora, afirmando que a Rádio ESMAE é uma rádio artística a partir do momento em que se entra, “quando nos perguntam o que queremos fazer, em que quase tudo é possível e te dizem: vamos experimentar. Não existe o: agora vamos avaliar a tua proposta. É um local de experimentação artística”. Para o estudante/artista João Lourenço (Entrevista 3), “Não existem limitações de coisas que se podem dizer”, destacando aqui as diferenças entre “uma rádio comercial, com o intuito de informar ou entreter os seus ouvintes”, e a Rádio ESMAE.

O estudante/artista Rodrigo Festas (Entrevista 5) menciona que na Rádio ESMAE: “Fazemos um trabalho para abordar as várias facetas da arte. Não só a analisar as obras de arte, mas a produzir conteúdos artísticos e que são de autor”.

Estes estudantes/artistas estão a iniciar as suas formações e encontram na rádio uma forma de investigar outras oportunidades propícias à criação artística ou do meio rádio.

### 4. Programação

A Programação da Rádio ESMAE é uma programação coletiva e cada estudante/artista pode criar o seu programa, sem uma lógica de tempo de execução ou de emissão. A equipa reúne semanalmente para debater a programação e permitir que os estudantes/artistas, possam pedir ajuda aos restantes membros para concretizar os seus projetos e para juntar pessoas com o objetivo de iniciar novos projetos. Nas palavras do estudante/artista Sebastião Maia (Entrevista 6), que se encontra a frequentar a pós-graduação de Dramaturgia na ESMAE, aquando da sua junção ao grupo de fundadores da Rádio ESMAE, “nesta rádio não há tabus, podemos falar de tudo sem juízos de valor, não julgamos o trabalho uns dos outros”.

O estudante/artista João Lourenço (Entrevista 3), afirma que a:

“Rádio ESMAE tem uma liberdade que uma rádio comercial nunca poderia ter. Imagino que o diretor de programação acaba por ser alguém que toma a decisão dos programas de uma rádio. Na Rádio ESMAE não existe essa figura. Acabamos por decidir tudo de uma forma muito democrática. Também não temos responsabilidades ou um dever de manter os ouvintes informados, característico da rádio pública e comercial”.

Um episódio que de alguma forma condicionou a criação artística na rádio mundial (Meditsch, 2013), foi o objeto artístico protagonizado pelo realizador e ator Orson Welles, na noite de 31 de outubro de 1938, com a sua liberdade artística e dramatização radiofónica de “A Guerra dos Mundos”:

O boletim noticioso com que começou a anunciar uma invasão por criaturas de Marte e causou pânico generalizado. De acordo com alguns relatos, mais de um quarto dos estimados 6 milhões de ouvintes acreditaram no que ouviram, e alguns dos que viviam perto do suposto local da invasão entraram nos seus carros e fugiram. (Crisell, 1994)

Seria hoje possível realizar esta façanha, ou simplesmente pensar em executar algo semelhante nas rádios? De gerar o rádio Pânico? Não vivemos hoje um receio acerbadado dos impactos da obra de arte? Ou da imaginação dos ouvintes?

Os estudantes/artistas entrevistados referem a liberdade como uma forma de demonstrar que a Rádio ESMAE é artística. Mas a que se referem estes jovens quando falam em Liberdade? Que Liberdade é esta que é tão necessária para a criação? No decorrer das entrevistas, surgem estas questões, que vão ao encontro de outros autores que nos referem hoje que a rádio convencional ou pública vive quase enclausurada em ‘radiofórmulas’ musicais e informativas (Herreros, 2007), gráficos e contas, ou obrigações com ouvintes, ou com financiadores, com tempos extremamente controlados, com muito pouco espaço para o laboratório e a experimentação. Na opinião de Herreros “A rádio está demasiado dependente dos interesses de uns e de outros” (Herreros, 2007). Não apenas a rádio, mas todos os novos meios de comunicação estão “agora dominados por um número muito reduzido de fornecedores quase monopolistas, que controlam as plataformas e serviços de comunicação mais utilizados” (Buckingham, 2019).

A programação é constituída por programas de entrevistas, de debates, musicais e de criação artística. Podem considerar-se programas de entrevistas, aqueles em que o autor entrevista docentes/funcionários, outros estudantes/ex-alunos ou artistas profissionais, com o objetivo de dar a conhecer o trabalho artístico, as pessoas, futuros projetos, informações úteis para a comunidade, ou simplesmente oferecer uma conversa descomprometida. São exemplos destes programas<sup>2</sup>: “Isso não Sofás”, “Sebastião à Conversa”, “Meter a Carne Toda no Assador”, “Entrevista Aos D’Fora”, “Entrevistar Desconhecidos” ou “Bode Expiatório”.

No que concerne aos programas de debate existem algumas ‘mesas redondas’, onde os voluntários são convidados a falar sobre temas específicos. São exemplo disto os programas: “Mesa Multiplex”, “Cravo na Cabeça” (mês de abril – Liberdade) e “Mês M” (mês de março – Mulher).

No caso dos momentos protagonizados pelo Festival SET – Semana das Escolas de Teatro<sup>3</sup>, “Espaço 7” existe um misto entre entrevistas e debates, sobre temas relacionados com as áreas artísticas teatrais.

Dentro dos programas musicais, há o trabalho realizado em “Músicas do Subsolo” e “Colectivo Farra”.

Finalmente, dentro dos projetos artísticos, podem escutar-se os programas de poesia “Poet@s”, a dramatização para rádio de “Para Acabar de Vez com o Juízo de Deus” e “Radioatividade – Especial Dia Mundial do Teatro”, e a participação no programa “Atrás da Máscara”, um trabalho em parceria com a RDP África.

Sem uma programação definida por um programador único, a Rádio ESMAE apresenta uma total liberdade de conteúdos, tempos e regras.

Será possível pensar uma rádio que se afasta da cópia, exatamente por não ter ambições de ser uma? Uma rádio que pretende incentivar a liberdade de cada um poder criar os seus conteúdos é um microfone aberto para uma liberdade que também nos responsabiliza dos nossos atos.

---

<sup>2</sup>Estes programas encontram-se disponíveis para escuta em: <https://open.spotify.com/show/0s60cZEB9Z0teWa3CFFhRA?si=877259c585d54121>

<sup>3</sup>O Festival SET, Semana das Escolas de Teatro, é um festival de artes performativas organizado por estudantes e docentes da ESMAE - P.PORTO e tem como principal objetivo criar uma plataforma que permita aos/às vários/as estudantes de escolas artísticas nacionais e internacionais apresentarem as suas criações artísticas.” (ESMAE, 2021)

## 5. Liberdade de criação numa rádio artística

E esta Liberdade na Criação Artística?

É possível *conservar* o que mereceria o nome de liberdade de criação artística e *usá-la amplamente* não apenas como trilha de fuga, mas como elemento necessário para descobrir e, talvez, alterar os traços do mundo que nos rodeia. Essa coincidência da parte (o indivíduo) com o todo (o mundo em que vive), do puramente subjetivo e arbitrário com o objetivo e submisso a regras, constitui um dos mais fortes argumentos em favor da metodologia pluralista. (Feyerabend, 1977)

A Liberdade como um novo possível começo? Como Mário Azevedo sintetiza o conceito de nascimento de Arendt com um novo começo, e esta possibilidade de começar é:

(...) liberdade, cada homem é visto por Arendt, como um novo começo e, potencialmente, isso pode fazer acontecer o inesperado, visto como um divórcio entre a realidade e a racionalidade, e possibilitar a transformação do mundo. Isto coloca em nós a esperança de podermos ver a tarefa da educação artística a contribuir para que os que agora chegam, aos agora nascidos, possam apropriar-se em liberdade, Cage é um bom exemplo disso, desse mundo que lhes pré-existe. E isto porque estes estrangeiros que agora chegam ao mundo são responsáveis por aquilo que de seguida virá. (Azevedo, 2017)

Podem estes jovens ‘nómadas’ entre as artes performativas e a rádio, com liberdade, criar novas interferências numa rádio que pode começar hoje? Pode esta liberdade de possibilitar criar interferências e de as podermos escutar ser uma forma de atacarmos a normalização ou homogeneização dos meios de comunicação?

Por outro lado, estes jovens não têm obrigações com a rádio, não têm todos os conhecimentos necessários, não têm medo de errar, como relata a estudante/artista Rita Tavares (Entrevista 4): “Com esta equipa, sentimos menos medo de errar”, porque também não têm ninguém que lhes diga o que fazer ou seguir, ou apontar quando estão a errar. Bernardo Santo Tirso (Entrevista 1), acrescenta, que “como artistas podemos errar numa maneira única, como nunca ninguém errou assim. É isso que pode tornar o nosso projeto de rádio mais interessante.” Como contrapondo esta possibilidade de errar, a estudante/artista Inês Sincero (Entrevista 2) refere que no programa “Atrás da Máscara”, uma participação da Rádio ESMAE na rádio RDP África, existe um “formalismo sonoro e um perfeccionismo técnico que nos é requerido, que poderia ser olhado de uma forma mais criativa”, continua dizendo: “acho que o meio artístico claramente já aceita isso. Aceita o erro, adora falhas, adora imperfeições.” Poderá esta possibilidade de errar ser também uma das Liberdades conquistadas por esta rádio ESMAE? Nas palavras da estudante/artista Inês Sincero (Entrevista 2):

“Bora’ experimentar. A Rádio ESMAE é um local de experimentação, é uma escola. Vamos começar o primeiro episódio e não vai ser tão bom como o terceiro. Vamos aprender experimentando. Um local de experimentação também não tem limites e não ter limites é a porta para o artístico”.

Nas palavras de Simão Colares (Entrevista 7):

A Rádio ESMAE, como também a ESMAE, é um espaço aberto para os estudantes poderem explorar e trabalhar. Acredito que deve existir a liberdade das pessoas de produzirem nestes cruzamentos artísticos - rádio/teatro/criação sonora. Tens pessoas de várias áreas artísticas na escola que se podem juntar em torno de um projeto, ou simplesmente divulgar os seus projetos na Rádio ESMAE.

## 6. Ferramentas artísticas/pedagógicas/técnicas

A Rádio ESMAE acaba por ser não apenas uma plataforma de comunicação, mas também um meio onde os seus voluntários experimentam e trabalham, por vezes com diferentes utensílios técnicos ou artísticos da sua formação. Neste sentido, veem-se obrigados a apreender novas técnicas para fazer os seus programas/experiências de rádio/podcast. Por exemplo, no caso dos estudantes de interpretação, ao ouvir a sua voz gravada, acabam por ter uma perceção superior e um cuidado mais atento à forma como se fala, a

fim de encontrarem as ferramentas necessárias para uma comunicação mais eficaz com o ouvinte. O artista/estudante Sebastião Maia (Entrevista 6) reflete sobre este assunto da seguinte forma: “embora abordada durante o curso de interpretação, na rádio falamos mais, melhor e na tentativa de o ouvinte nos perceber melhor. Tenho alguns problemas em ‘comer’ palavras e a rádio trouxe-me essa percepção e tenho tentado ‘comer’ menos palavras.”

O estudante/artista do curso de Interpretação de Teatro Rodrigo Festas (Entrevista 5) acrescenta que a rádio e o seu programa de entrevistas lhe trouxeram alguns utensílios para conseguir falar e relacionar-se com pessoas desconhecidas, “sabermos relacionar-nos com as pessoas de forma rápida, uma das necessidades de um podcast de entrevista. Cada pessoa tem um mecanismo diferente de se sentir à vontade para falar.”

Já o estudante/artista João Lourenço (Entrevista 3) considera que as grandes mais valias de aprendizagem na rádio foram as de saber trabalhar numa equipa de uma constituição tão variada, encontrar as ferramentas técnicas necessárias e procurar uma consciência da qualidade técnica necessária para a rádio.

A rádio pode trazer outras experiências para o trabalho artístico dos seus membros. No caso do estudante/artista Simão Colares (Entrevista 7), este descreve que:

“a primeira peça que escrevi, foi sobre o escuro, vejo uma ponte direta entre um trabalho<sup>4</sup> e o outro. A rádio acrescentou aqui um recurso que embora já existisse, nunca teria sido pensado. Sem dúvida a rádio pode também trazer outras experiências para os artistas, e a visão que caracteriza os espetáculos de teatro, não é usada na rádio. A rádio neste sentido é mais parecida da leitura porque requer alguma imaginação do ouvinte/leitor”.

Neste aspeto, a estudante/artista Inês Sincero (Entrevista 2) diz-nos que no vídeo/palco “eu vejo que o que está a produzir som é a minha unha a bater na mesa, mas na rádio se eu não estou a ver, tenho que tentar perceber o que está a acontecer”. A rádio “requer imensa imaginação que não está a ser usada”.

A rádio não está a trazer esta imaginação, mas também é importante afirmar que é necessário um tempo de escuta. Adorno (2002) afirma que não temos capacidades/tempo para poder imaginar no frenesim de um filme, o que poderia levar a pensar que, de alguma forma, qualquer meio de comunicação sofre deste frenesim que não permite imaginar. Neste caso, a própria rádio no dia-a-dia de uma grande parte das pessoas, é apenas ‘companhia’, ruidosa, ou ritmada, enquanto efetuam as suas tarefas laborais ou domésticas, sob pressão do tempo.

A atrofia da imaginação e da espontaneidade do consumidor cultural de hoje não tem necessidade de ser explicada em termos psicológicos. Os próprios produtos, desde o mais típico, o filme sonoro, paralisam aquelas capacidades pela sua própria constituição objetiva. Eles são feitos de modo que a sua apreensão adequada exige, por um lado, rapidez de percepção, capacidade de observação e competência específica, e por outro é feita de modo a vetar, de facto, a atividade mental do espectador, se ele não quiser perder os fatos que rapidamente se desenrolam à sua frente. É uma tensão tão automática que não há sequer necessidade de ser atualizado a cada caso para que reprima a imaginação. (Adorno, 2002)

Relativamente à parte técnica, os estudantes/artistas na sua grande maioria não dominavam o uso das ferramentas necessárias para produzir os seus programas, como menciona a estudante/artista Rita Tavares (Entrevista 4): “estamos a trabalhar no meio rádio em que estamos todos a explorar novas ferramentas”. Muitos acabaram por contar com a ajuda de outros colegas de Produção e Tecnologias da Música (PTM) do Departamento de Música. Alguns começaram a explorar programas de som digitais para gravação e edição, bem como a familiarizar-se com outro equipamento técnico necessário para a gravação, e ainda outros recorreram a ferramentas mais simples como o telemóvel, para a gravação e a edição dos programas. Por exemplo, no caso de Inês Sincero (Entrevista 2) “se não tiver um gravador profissional, não há problema, quero fazer uma gravação, uso o telemóvel, o som não vai ser o melhor do mundo, mas vai-se ouvir”. Por outro lado, Simão Colares (Entrevista 7), num contexto diferente e com outras necessidades, ou seja, durante

---

<sup>4</sup> O trabalho aqui referido foi a dramatização da peça radiofónica de Antonin Artaud “Para Acabar de Vez com Deus” dirigida por Simão Colares e que pode ser escutada na Rádio ESMAE.

o primeiro confinamento da pandemia COVID 19, recorreu ao recurso telemóvel para fazer as gravações dos colegas atores confinados, para o trabalho artístico acima mencionado “Para acabar de vez com Deus”: “Vamos todos gravar com telemóvel. A malta de som<sup>5</sup> disse-me que os telemóveis tinham microfones com uma qualidade suficiente e que no final se trabalhava com os sons enviados por cada ator”. No geral, não existiram barreiras técnicas que impedissem os autores dos programas de prosseguir o seu trabalho ou até de explorar outros meios.

Já foram abordadas algumas das possibilidades artísticas e técnicas que a rádio enquanto ferramenta trouxe a estes jovens da Rádio ESMAE. Falta referir agora os aspetos pedagógicos que embora não tenham sido abordados com profundidade por nenhum dos entrevistados, estão de alguma forma presentes nas palavras de alguns quando mencionam uma nova forma de estar na ESMAE, um entendimento mais completo das diversas áreas de estudo dos colegas da rádio, um debate/programação mensal de temas selecionados em conjunto que aumenta o aprofundamento do conhecimento geral dos participantes e dos próprios ouvintes, um conjunto de entrevistas a docentes e estudantes que aumentam a interatividade entre ambos e promovem uma melhor comunicação, derrubando patamares de diferenciação entre estudante e docente. Nas palavras do estudante/artista Bernardo Santo Tirso (Entrevista 1) a rádio ESMAE serve “para a criação de atividade e dinâmicas diferentes dentro da escola.” A estudante/artista Rita Tavares (Entrevista 4) refere que quando os docentes participam na Rádio ESMAE, “como colaboradores ou convidados, ficamos todos ao mesmo nível.” A ESMAE “já é conhecida por ter esta ligação mais direta com os docentes. Mas na Rádio ESMAE é diferente, parece que estamos todos no mesmo nível, não somos alunos nem professores, somos pessoas com objetivos coletivos.”. Mesmo assim, aponta que “falta mais apoio da parte dos professores para a rádio deixar de ser só nossa e ser de todos.” Já o estudante/artista Bernardo Santo Tirso (Entrevista 1) refere que a relação dos docentes com a Rádio ESMAE “tem vindo a crescer e sinto que temos de contactar mais com os docentes. Criar uma simbiose que possa ajudar uns e outros”, referindo-se neste caso à possibilidade de trabalho conjunto entre estudantes e docentes.

Uma rádio numa escola pode ser um espaço de questionamento dos próprios meios de comunicação, ou uma forma de diminuir a literacia destes, que tanto implica na vida das pessoas. Para Buckingham (2019):

Os meios de comunicação social são um dos aspetos incontornáveis da vida moderna. São centrais para a política, para as operações da economia, para as comunicações públicas, para as artes e cultura, para as relações pessoais e, cada vez mais, para as nossas vidas íntimas e privadas. Uma democracia saudável requer utilizadores dos meios de comunicação social bem informados e esclarecidos; precisa de cidadãos ativos, que participem na sociedade civil; e precisa de pessoas qualificadas e criativas. Neste contexto, a literacia mediática é uma competência de vida fundamental: não podemos funcionar sem ela.

## 7. Considerações finais

A Rádio ESMAE, conforme esta análise ilustrou, tem demonstrado um espírito de experimentação especial para quem nunca fez rádio. Deste projeto característico de uma escola artística é importante destacar a liberdade de escolha e o facto de não estar ligada a qualquer poder institucionalizado ou comercial, o que lhe traz toda a autonomia de criação de conteúdos sem necessidade de obedecer a fórmulas ou formatos. Será fundamental manter a ‘vontade de errar’, já que o ‘movimento errático’ não só permite que se percorram caminhos sem direções específicas, como também torna difícil prever a trajetória e o ponto de chegada.

É de realçar a vontade de experimentar o direto, tão performativo como o teatro ou o espetáculo ao vivo. Essa será mais uma experiência importante para estes jovens estudantes/artistas da Rádio ESMAE.

E a seguir?

Podem a Rádio ESMAE e outras rádios semelhantes ser a possibilidade de se encontrar espaços de diversidade e de experimentação dentro de um meio de massas como a rádio ou a internet? Walter Benjamin (2014) adivinhava o que viria a ser o uso dos meios de comunicação pelos mais poderosos, referindo-se à criação de dez grandes estações na Alemanha na era pré II Guerra Mundial, para acabar com as interferências

---

<sup>5</sup> Referindo-se aos estudantes de PTM.

provocadas pelas rádios pequenas emitidas por rádios estrangeiras. A verdadeira razão para a construção destas grandes estações residia na política de manter os instrumentos de propaganda de guerra. Só criando um espaço de interferência possibilita uma participação mais democrática e ativa. Por essa razão, seria interessante fomentar a criação de novos projetos de experimentação e de cruzamento da rádio com outras áreas, como é o caso da Rádio ESMAE na sua relação com as artes performativas, sem receio das interferências que estas possam causar nas rádios atuais ou nos seus ouvintes.

## Referências

- Adorno, T. (2015). *Teoria estética*. Edições 70.
- Adorno, T. W. (2002). *Indústria cultural e sociedade*. Paz e Terra.
- Adorno, T. W. (2009). *Current of music: Elements of a radio theory*. Polity Press.
- Azevedo, M. (2017). *Sobre o S I L Ê N C I O e da sua entropia*. Universidade do Porto.
- Benjamin, W. (1992). *Sobre arte, técnica, linguagem e política*. Relógio de Água.
- Benjamin, W. (2014). *Radio Benjamin* (L. Rosenthal, ed.). Verso.
- Buckingham, D. (2019). *The media education manifesto*. Polity Press.
- Crisell, A. (1994). *Understanding radio*. Routledge.
- ESMAE. (2021). *Pré-SET 2021*. <https://www.esmae.ipp.pt/pre-set2021>
- Feyerabend, P. (1977). *Contra o método*. Livraria Francisco Alves Editora.
- Herreros, M. C. (2007). *Modelos de radio, desarrollos e innovaciones*. Editorial Fragua.
- Meditsch, E. (2013). *Rádio e Pânico 2*. Editora Insular.
- Ribeiro, F. (2014). Recuperar o espírito das piratas: reflexões sobre rádios comunitárias em Portugal, do vazio legal a uma proposta concreta. In A. I. Reis, F. Ribeiro, & P. Portela (Eds.), *Das piratas à Internet: 25 anos de rádios locais* (pp. 113–131). Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho.
- Smith, J. A. (1995). Semi-structured interviewing and qualitative analysis. In J. A. Smith, R. Harre, & L. Van Langenhove (Eds.), *Rethinking methods in psychology* (pp. 9–27). Sage Publications.